

CIBERCULTURA E FICÇÃO

organização
JORGE MARTINS ROSA

DOCUMENTA

PEOPLE E UNDERPEOPLE
ou involuções e evoluções da humanidade

MARIA DO ROSÁRIO MONTEIRO

Centro de História Contemporânea e Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas,
Universidade Nova de Lisboa

«Watch, but do not govern; stop war, but do not wage it; protect, but do not control; and first, survive!»

Cordwainer Smith

«When [“Alpha Ralpa Boulevard”] was first published in 1961, [it] revised once and for all my idea of what science fiction was and what it could.»

Ursula LeGuin, «Introduction»,
The Norton Book of Science Fiction

Cordwainer Smith, Pseudónimo Literário de Paul Linebarger

Paul Linebarger nasceu em 1913, em Milwaukee. O seu pai foi um advogado e ativista político com fortes ligações à Revolução Chinesa de 1911, e ao seu líder Sun Yat-Sen, de quem Paul era afilhado.

A infância de Paul Linebarger caracterizou-se pela impossibilidade de criar raízes consistentes. Viveu na China, em França, na Alemanha e nos Estados Unidos. Se esta errância lhe deu a possibilidade de contactar e conhecer culturas diferentes, e de atingir o início da idade adulta falando fluentemente seis línguas, conhecendo um vasto leque de obras literárias muito diversas, também lhe deixou uma sensação permanente de não pertença, de marginalidade e de inconstância nas relações interpessoais que dificilmente conseguia manter ou desenvolver.

Doutorou-se aos 23 anos, em Ciências Políticas, na Universidade de Johns Hopkins, tendo-se revelado um especialista conceituado em questões orien-

tais. Assumiu o cargo de Professor de Estudos Asiáticos na Duke University mas, durante a II Guerra Mundial, serviu nos serviços secretos do exército americano, tendo-se especializado em guerra psicológica e manipulação de massas. Em 1943, foi enviado para a China, tornando-se, mais tarde, confiante de Chaing Gai-Shek.

Depois da Guerra regressou à Universidade de Johns Hopkins e, em 1948, publicou o livro *Psychological Warfare*, considerado um manual clássico para o estudo da psicologia e manipulação de massas. A sua vida profissional caracterizou-se por esta dupla valência: o ensino na área dos estudos asiáticos e as missões secretas para o serviço de informações do exército e do governo americano, tendo mesmo sido conselheiro de John Kennedy.

As viagens constantes, a integração em diferentes culturas e línguas, mantiveram, na idade adulta, a errância que caracterizara a sua infância.

A literatura, primeiro como leitor compulsivo, depois como escritor, foi a âncora a que Paul Linebarger se agarrou para combater o isolamento e tentar compensar as deficiências e carências da sua vida interpessoal.

Enquanto escritor, a obra de Paul Linebarger dispersa-se por diversos pseudónimos. Começou por escrever pequenas narrativas durante a adolescência. Passou depois pela ficção de tipo *mainstream*, com os romances *Ria* (1947) e *Carola* em 1948 (ambos com o pseudónimo Felix C. Forrest) e o romance de espionagem durante a Guerra Fria, intitulado *Atomsk* (1949), sob o pseudónimo Carmichael Smith.

Mas será como Cordwainer Smith, autor de ficção científica, que Linebarger atingirá a plena expressão da sua capacidade artística, e o reconhecimento internacional como escritor de obras de características únicas no universo da ficção científica. Ursula LeGuin, também ela uma escritora de renome, refere-se à obra de Cordwainer Smith nos seguintes termos:

«[he] wrote a series of stories set in a far, strange future. It is an extraordinary body of work not yet adequately appreciated by critics, and only erratically reprinted. Many of the stories have a [deep] political interest [...]. I hope readers may discover in it what I did: the opening of a door into a new poetry.» (LeGuin, 1993, p. 38)

Características da Ficção Científica de Cordwainer Smith

Não se pode classificar Cordwainer Smith como um autor particularmente prolixo neste género. A sua obra de ficção científica resume-se a um romance, vinte e duas *short stories* e quatro novelas. Mas todas elas revelam uma imaginação fértil, um domínio perfeito da estética literária, e uma vasta rede de intertextualidades, que vai desde obras fundamentais da literatura chinesa, como *Viagem para o Ocidente* e *A Demanda dos Três Reinos*¹, a *Paul et Virginie*, de Bernadin de Saint-Pierre, *Le Bateau ivre*, de Artur Rimbaud, ou a *Divina Comédia*, de Dante, além de múltiplas referências a personagens literárias menores de variadíssimos autores, como, por exemplo, a Lavínia da *Eneida* de Virgílio.

Outra característica da obra de Cordwainer Smith reside no facto de o seu conjunto se constituir como uma longa história das possíveis evoluções e involuções do ser humano ao longo de 16 mil anos, tendo sempre como questão nuclear a tentativa de descoberta do que significa ser humano. Onde reside a essência da humanidade: na evolução genética ou na evolução psicológica? Na busca da perfeição ou no reconhecimento da imperfeição? Na inteligência e na objetividade racional, ou na capacidade de amar e de aceitar a diferença?

A cronologia editorial não corresponde à cronologia ficcional e há, ainda hoje, algumas dúvidas quanto à colocação de certas *short-stories* no fio narrativo condutor de toda a obra². Cordwainer Smith mantinha um registo cronológico num pequeno livro de capa preta que, infelizmente, perdeu num restaurante em Rodes, em 1965. Ficámos assim impossibilitados de estabelecer uma cronologia ficcional definitiva, até porque, embora o plano geral fosse constante, Cordwainer Smith assumiu sempre que cada história devia bastar-se a si mesma, sobreviver à recriação do leitor, independentemente do enquadramento mais vasto em que se integrava.

Para além da questão de fundo sobre o que é ser humano e da rede intertextual, a obra de Cordwainer Smith desenvolve outros tropos de forma constante: as questões da ideologia e da *Realpolitik*, da ética e da religião.

Centremo-nos no tema nuclear de Cordwainer Smith — a natureza humana. A história da humanidade começa por volta do ano 2000. Há um período de guerras, que remete para a experiência da II Guerra Mundial. Segue-se a Era

das Trevas, quando os homens vivem fechados em cidades muradas, abandonando a Terra aos animais e a seres humanos primitivos e selvagens. Por volta do ano 6000, a humanidade inicia o repovoamento da Terra e dá-se a colonização de planetas próximos. É instituída a Instrumentalidade, o governo universal que tem por objetivo a preservação dos seres humanos e o desenvolvimento da vida. O lema da Instrumentalidade é:

«Watch, but do not govern; stop war, but do not wage it; protect, but do not control; and first, survive!» (Smith, 1993, p. 341)

E define-se assim:

«The Instrumentality was a self-perpetuating body of men with enormous powers and a strict code. Each was a plenum of the low, the middle, and the high justice. Each could do anything he found necessary or proper to maintain the Instrumentality and keep the peace between the worlds. But if he made a mistake or committed a wrong — ah, then, it was suddenly different. Any Lord could put another Lord to death in an emergency, but he was assured of death and disgrace himself if he assumed this responsibility. The only difference between ratification and repudiation came in the fact that Lords who killed in an emergency and were proved wrong were marked down on a very shameful list, while those who killed other Lords rightly (as later examination might prove) were listed on a very honorable list, but still killed. With three Lords, the situation was different. Three Lords made an emergency court; if they acted together, acted in good faith, and reported to the computers of the Instrumentality, they were exempt from punishment, though not from blame or even reduction to civilian status. Seven Lords, or all the Lords on a given planet at a given moment, were beyond any criticism except that of a dignified reversal of their actions should a later ruling prove them wrong.» (Smith, 1993, p. 341)

O que caracteriza a Instrumentalidade é o seu código de justiça absolutamente racional. Instituída para preservar os seres humanos e evitar as guerras

interplanetárias que pudessem ser uma ameaça, a Instrumentalidade era impiedosa no cumprimento do seu objetivo.

É para preservar a humanidade que a Instrumentalidade controla o comércio da droga *stroon*, produzida apenas no planeta *Old North Australia*. Esta droga prolonga a vida indefinidamente. Por isso a Instrumentalidade decide que só será administrada a seres humanos, e na Terra a vida fica limitada a um período fixo de 400 anos. É desenvolvida uma utopia, onde os seres humanos passam a ser designados por números, e a viver sem qualquer tipo de obrigações ou constrangimentos. Todo o trabalho fica entregue a robôs e aos *Underpeople*. Estes são animais domésticos, na sua maioria, que foram geneticamente manipulados para adquirirem capacidades racionais e comunicativas que lhes permitam cumprir todas as tarefas que os seres humanos já não fazem. Em suma, os *Underpeople* sustentam a humanidade: alimentam-na, providenciam-lhe o conforto, os divertimentos, e o bem-estar. Mas está-lhes vedado o contacto com os humanos, que os podem matar sem terem de dar explicações. Vivem sob a superfície da Terra, onde se produz tudo o que é necessário para a manutenção da Utopia, têm de trabalhar para ganhar a vida, e está-lhes vedado o acesso à *stroon*. A sua presença é também proibida em muitos planetas colonizados.

Os verdadeiros homens sentem pelos *Underpeople* uma profunda aversão. Não só os consideram como meros animais, logo seres sem direitos, como ainda não toleram a sua presença no seu mundo utópico, além do cumprimento estrito das suas funções. Há, em alguns contos e no romance *Norstrilia*, episódios de verdadeira repulsa perante a presença dos *Underpeople*. Por exemplo, em «Alpha Ralpha Boulevard», Virgínia morre porque recusa, enojada, a mão que C'mell lhe estende para a salvar (Smith, 1993, 398).

Há uma terceira espécie de humanos no universo de Cordwainer Smith: os humanoides, seres humanos geneticamente manipulados para poderem sobreviver em planetas com condições de vida extremas. Por descenderem de humanos, estes humanoides podem, quando visitam a Terra, ter acesso à Utopia e às regalias dos verdadeiros humanos. Na maioria dos casos trata-se de comerciantes que mantêm os contactos entre a extensa rede de planetas habitados.

O Falhanço da Utopia

Os humanos e os *Underpeople* são usados por Cordwainer Smith precisamente para desenvolver a demanda do que significa ser humano. Em última análise, na utopia desenvolvida pela Instrumentalidade, os homens tornaram-se deuses, e os *Underpeople* tornaram-se humanos. Aos homens falta-lhes a capacidade de amar, de reconhecer o outro, de se envolverem emocionalmente, de serem solidários. A perfeição, a estabilidade, a falta de surpresas ou de imprevistos, o período de vida garantido, a ausência de doenças ou crises, tudo isto tornou os humanos em seres egoístas, desprendidos, desrespeitosos da vida, centrados em si mesmos, monotonamente iguais. Estupidamente perfeitos. Desumanos.

Por seu lado, os *Underpeople* estão cada vez mais próximos do que sentimos ser intrínseco à humanidade: fisicamente assemelham-se aos humanos, embora mantenham sinais da sua origem animal, estabelecem complexas relações interpessoais, são humildes, capazes de raciocínios complexos, de emoções profundas, e de uma sabedoria desenvolvida principalmente pelas dificuldades que enfrentam sistematicamente.

A constante insegurança e incerteza quanto ao seu futuro imediato leva-os a desenvolver um sistema religioso de carácter messiânico, assente na ética e na solidariedade. Mantendo uma profunda admiração pela humanidade, e uma empatia profunda, têm também a lucidez de perceber que quanto mais desumanos forem os homens mais ameaçados estarão os *Underpeople*. São eles os primeiros a perceber que a Utopia é um sistema sem futuro, uma ameaça para os próprios seres humanos. Em «Alpha Ralpa Boulevard», é C'mell quem formaliza o pensamento dos *Underpeople*:

«All of us have been worried about what you true People would do to us when you were free. We found out. Some of you are bad and kill other kinds of life. Others of you are good and protect life». (Smith, 1993, p. 398)

E é também C'mell quem, em *Norstrilia*, resume o percurso involutivo da humanidade.

«Here and there real human being gets to work, and there are always off-worlders like [Rod] to stimulate them and challenge them with new problems. But they used to have secured lives of four hundred years, a common language, and a standard conditioning. They were dying off, just by being too perfect.» (Smith, 1994, p. 191)

A sua luta pacífica tem um duplo objetivo: Primeiro, forçar os humanos a regressarem às suas origens psicológicas, caracterizadas pela ambivalência racional/emocional, a recuperarem o gosto pela vida como sendo um bem precioso, única forma de garantir o respeito pelo outro, e religarem-se ao passado que ignoram mas que é essencial para o desenvolvimento futuro.

Em segundo lugar, ambicionam ver reconhecidos aos *Underpeople* os direitos fundamentais da pessoa humana: direitos políticos, económicos, sociais e religiosos. Em momento algum os *Underpeople* ambicionam destronar os humanos do seu poder, aumentar a sua esperança de vida, ou modificar a sua natureza.

A verdade é que são os *Underpeople* quem garante a sustentabilidade da utopia: é nos seus territórios subterrâneos que está armazenada a memória do passado, que permite a evolução do futuro. Guardiões da história da humanidade, serão eles que lançarão as bases da nova Instrumentalidade do Homem e da futura era espacial, assente nas viagens instantâneas.

Podemos concluir que, para Cordwainer Smith, a história do futuro passa necessariamente por uma reavaliação e redescoberta constante do passado histórico e psicológico, pela descoberta individual que cada um deve fazer da sua natureza mais íntima, das suas deficiências e imperfeições, e também das suas capacidades e características positivas. Estes serão os alicerces de uma humanidade com menos comodidades, menos certezas absolutas, mas certamente mais feliz.

«[True People] had all forgotten that humanness is itself imperfection and corruption, that what is perfect is no longer understandable. We have the fragments of the Word, and we are truer to the deep traditions of people than people themselves, but we must never be foolish enough to look for perfection in this life or to count on our own powers to make us really different from what we are. [...] whatever *seems* human *is* human.» (Lewis, 1994, p. 168)

A salvação dos homens e dos *Underpeople* será trazida por um jovem considerado «deficiente» porque é incapaz de comunicar telepaticamente, forma comum de falar desde que no tempo longínquo os humanos descobriram essa faculdade, mais cómoda e a única que possibilita a comunicação em quaisquer condições e a qualquer distância. Esta deficiência obrigou o jovem a submeter-se a dois processos de nascimento na esperança de que cada novo renascimento o curasse. Originário de Norstrilia, o jovem Rod McBan está prestes a ser sujeito a nova avaliação que determinará, em última análise, a sua morte. Desejando mostrar que embora diferente não é inapto para a vida, Rod, produtor da droga *stroon*, compra o planeta Terra — pátria dos verdadeiros humanos — através de uma complexa operação de manipulação de mercados, desenvolvida, executada e coordenada por um computador bélico, de origem desconhecida, que o jovem herdou do seu avô.

Rod McBan não deseja conquistar o universo. Ele quer simplesmente sobreviver — a deficiência é uma espada de Dâmocles sempre suspensa sobre a sua cabeça — e adquirir um selo postal, um daqueles objetos dos tempos antigos que se colavam nas cartas, que já não tem nenhuma utilidade, a não ser, talvez, para recordar que a vida é um processo evolutivo cuja memória não deve ser apagada, e que a capacidade comunicativa pode e deve assumir diferentes formas.

Será após um longo processo de mergulho no mais profundo do seu ser, experiência providenciada pelos *Underpeople*, que Rod se descobre a si mesmo e percebe que nada deseja verdadeiramente, a não ser restituir a dignidade a quem a perdeu, proteger os incapacitados e os mais frágeis, e viver em paz consigo mesmo. Depois de um longo processo de introspeção psicanalítica, Rod descobre que o ódio e o medo estão, frequentemente, na base de desentendimentos e agressões e que a vida, em toda a sua variedade, deve ser protegida e respeitada, por mais diferente ou estranha que seja.

«He wanted nothing.

No money, no stroon, no Station of Doom. He wanted no friends, no companionship, no welcome, no house, no food. He wanted no walks, no solitary discoveries in the field, no friendly sheep, no treasures in the gap, no computer, no day, no night, no life. [...]

There was one thing he wanted. He wanted Houghton Syme not to hate him. [...] He wanted only one thing — to get back to Old North Australia in time to help Houghton Syme. [...]

Rod stood there, expecting nothing.

He had forgiven his last enemy.

He had forgiven himself.» (Smith, 1994, pp. 160-161)

Em negociações com o líder dos *Underpeople*, Rod abdica, em favor do povo dos subterrâneos, da incomensurável fortuna que lhe permitira comprar a Terra. Em troca recebe um pacote de livros antigos, um selo postal verdadeiro, uma experiência virtual de uma vida de felicidade plena, uma droga que lhe permitirá curar o seu inimigo mortal e conterrâneo, o regresso a Norstrília com a capacidade telepática restabelecida, e um futuro tranquilo junto da sua amada Lavínia.

Os *Underpeople* obtêm o poder que lhes permitirá negociar com a Instrumentalidade o reconhecimento dos seus direitos, e assumir uma participação ativa na recuperação e felicidade dos seres humanos, no absoluto respeito pela diferença.

A longa viagem de involução da humanidade, agravada por uma utopia que se revela uma forma inadequada de preservação da espécie humana, acompanha *pari passu* a evolução dos *Underpeople*, o seu crescimento psicológico, o seu desenvolvimento coletivo, o seu processo de aprofundamento político e espiritual. O romance *Norstrília*, e o seu seguimento lógico na *short-story* «The Ballad of Lost C'mell» (Smith, 1993, pp. 401-418), marcam o início de uma profunda e lenta revolução, de resultado desconhecido. A obra de Cordwainer Smith é, necessariamente, um universo aberto, sem respostas definitivas, caracterizado pela multiplicidade de hipóteses suspeitadas, umas positivas, outras catastróficas. Mas dependerá de seres equilibrados emocional e psicologicamente a sobrevivência possível das diferentes formas de vida, no respeito pela diferença. Seres que recordem o passado como fonte de ensinamento do presente e alicerce para a construção do futuro que se deseja de evolução.

Notas

¹ Estas duas obras fazem parte da literatura clássica chinesa. *Viagem para Ocidente* foi escrito por Wu Cheng'en no século XVI, e *A Demanda dos Três Reinos* foi escrito por Lo Kuan-Chung no século XIV. Desconheço a existência de traduções portuguesas, pelo que apenas posso remeter os interessados para as edições inglesas indicadas na bibliografia, que são, respetivamente *Journey to the West* e *Romance of the Three Kingdoms*.

² Ver o capítulo «Chronology of the Instrumentality» em Lewis, *Concordance to Cordwainer Smith*, pp. 11-15, e também a «Introdução» a *Norstrilia*, da autoria de Alan C. Elms, pp. vii-xiii.

Bibliografia

- HELLEKSON, K. (2001). *The Science Fiction of Cordwainer Smith*. Jefferson: McFarland.
- KUAN-CHUNG, L. (2002). *Romance of the Three Kingdoms*. Trad. C.H. Brewitt-Taylor (2 vols.). North Clarendon: Tuttle Publishing.
- LEWIS, A. (2000). *Concordance to Cordwainer Smith*. Framingham: New England Science Fiction Association.
- LINEBARGER, P.M.A. (1954). *Psychological Warfare*. (2ª edição revista). Nova Iorque: Duell, Sloan & Pearce.
- SMITH, C. (1993). *The Rediscovery of Man: The Complete Short Science Fiction of Cordwainer Smith*. Framingham: NESFA Press.
- (1994). *Norstrilia*. Framingham: NESFA Press.
- YU, A.C. (trad.) (1983). *Journey to the West*. (4 vols). Chicago: Chicago University Press.

Este livro foi realizado no âmbito do projeto FCT
com a referência PTDC/CLE-LLI/099000/2008
«A Ficção e as Raízes da Cibercultura»